



Espiritualidades, Filosofias e Religiões do Oriente: experiências de encontro e diálogo

Eastern Spiritualities, Philosophies and Religions:
Encounters and dialogues.

Carlos Alberto Gohn*

Um dossiê sobre Espiritualidades, Filosofias e Religiões do Oriente coloca, de início, o desafio de situar de onde se está falando. Tratar de Budismo, Islamismo, Hinduísmo e Práticas Corporais Orientais, em um contexto não asiático, inicia, obviamente, todo um jogo de visões éticas e êmicas. E o mesmo pode ser dito da visão do Cristianismo Europeu em um contexto asiático. O que nos mostra ser familiar, em uma ou outra situação, varia consideravelmente. O estranhamento entra sub-repticiamente em nossa escuta daquilo que tradições nascidas em outro contexto territorial têm a nos dizer, estranhamento este já tematizado na noção de Orientalismo, de Edward Said. Daí que proponho abaixo algumas vinhetas, trazendo momentos experimentados durante os anos em que vivi na Índia ou na China como professor universitário, adicionadas a momentos de contato com o hinduísmo vivido no Brasil. Serão, por assim dizer, amostras do que podem ou não ser algumas tentativas do encontro, diálogo e escuta do Outro.

Chegando à Catedral de Nossa Senhora da Imaculada Conceição, na cidade chinesa de Hangzhou, naquele outubro de 2012, encontro-a fechada. O pátio da

* Doutor em Literatura Comparada pela UFMG (1994), com pós-doutorado na EFEO - Pondicherry, Índia (1997), na área de tradução. Leitor brasileiro (MRE-CAPES) na Universidade JNU, em Nova Delhi (2003-2005). Professor de Estudos da Tradução na Universidade de Macau, China (2012-2013). Professor Associado III aposentado da UFMG, foi coordenador do Centro de Estudos sobre a Índia e do Centro de Extensão da Faculdade de Letras da UFMG. País de origem: Brasil. E-mail: cargohn@yahoo.com.br.

catedral, usado como estacionamento pago, me conduz à sala da zeladora. A um sinal dela, sento-me para esperar a vinda do padre. Eu havia interrompido sua entoação de cânticos do livro escrito em mandarim. Vejo que são hinos devocionais, tocantes em sua simplicidade. Ela os retoma enquanto gravo alguns em meu celular.

Sigo o homem idoso que entra pelo portão da moradia, alguém que me parece ser o padre. Convida-me a entrar em um escritório simples. Noto o retrato do Papa Francisco na parede. Sou o bispo Cao, diz, olhando-me através dos óculos de aros grossos. Emociono-me um pouco e agradeço-lhe, segurando suas duas mãos. Eu conhecia a história do bispo, já entrado nos seus 80 anos, consagrado em 2000, à revelia do Vaticano. Minha emoção vem de saber da calejada caminhada do bispo Matthew Cao Xiang-de, como cristão sobrevivente da Revolução Cultural, ordenado padre da Igreja Patriótica, em 1985, aos 56 anos. Responsável por uma diocese grande, com uns 15 jovens padres auxiliares, que em 2005 fizeram uma “greve” contra o bispo “por razões internas”, recusando-se a celebrar missa na semana santa. O bispo Cao conduz-me então pelo interior da igreja ao altar central, onde oramos juntos em recolhimento.

A história da catedral, por si só, oferece um panorama do cristianismo como, queiramos ou não, uma das religiões do Oriente, por direito de nascença e de inserção. Essa história merece, acredito, um exame um pouco mais detalhado. História que começa quando o cristianismo Nestoriano implantou várias comunidades no império Chinês (inicialmente, nos séculos 7 a 10, e depois nos séculos 13 e 14). Construída em 1661, pelo jesuíta italiano Martino Martini, a catedral foi danificada por um incêndio em 1692 e restaurada por ordem do imperador. Convertida em Templo Taoista por outro imperador em 1730, foi retomada como templo católico em 1848 e entregue aos Lazaristas europeus. Durante a Revolução Cultural teve sua nave central dividida em celas para

prisioneiros políticos. Apenas em 1982 foi reaberta como templo católico. Embora não tenha um bispo reconhecido pelo Vaticano desde 1956, é centro de uma vida comunitária vibrante, a dizer pelas atividades registradas no quadro de avisos.

Iniciar esses depoimentos-reflexão por um flash da vida católica na China visa precisamente dar o tom para uma abordagem que se quer viva da Espiritualidade, Filosofia e Religiões do Oriente. Sem dizer que, em tempos do Papa Francisco, do renascimento do espírito dos encontros inter-religiosos de Assis, é de se esperar também alguma surpresa nas estremecidas relações Santa Sé-China.

Nesse mesmo tom, poderia ainda relatar a participação em liturgia da Missa dominical na Catedral de Santo Inácio, em Xangai, com uma igreja transbordante de gente e de fervor. Sua história, igualmente sofrida, de aprisionamento de padres e do bispo, de devastação e reconstrução do templo após a Revolução Cultural, induz a um sentimento de solidariedade para com a massa anônima de cristãos na China que vive, ao que parece, um momento justificado de esperança na liberdade de professar sua religião, em uma ocasião na qual, segundo se diz, há comparativamente mais pessoas na China do que em toda a Europa frequentando um templo cristão, se tomarmos um domingo qualquer.

Continuando com o fio do martírio e do testemunho de sangue, posso levar o coração às comunidades cristãs e islâmicas do oriente, que vivem momentos de profunda instabilidade. Aqui também o tema Espiritualidade, Filosofia e Religiões do Oriente possui uma tremenda atualidade.

Estamos nos primeiros anos do século 21 e encontro-me como professor visitante na Universidade Jahawarlal Nehru, em Nova Délhi. A capital indiana, em seu setor mais islâmico de Nizamuddin, hospeda o restaurante Karim, onde se come o melhor cordeiro com ervas. Ali também está Nasir Book Depot, uma

livraria pequena que frequento para comprar livros sobre o Islã. Junto a livros clássicos de autores da mística islâmica, como Galib e como Kabir, estão perfilados, tristemente, livros da mais virulenta verborragia contra o cristianismo europeu, já com as sementes do que viria a dar na intolerância manifesta do Estado Islâmico. Um contraponto um pouco inesperado, se levo em conta a atmosfera pacífica e leve do ambiente. Meu desconforto é um pouco atenuado ao racionalizar que isso tudo mostra-se, em parte, como fruto da presença ainda recente do colonialismo, lembrando que a Índia, com a terceira maior população islâmica do mundo, só teve sua independência política em 1947.

Mas, é inverno no sopé dos Himalaias e passo uns dias no mosteiro hindu criado por Shivananda, em Rishkesh, no norte da Índia. Ao lado corre o rio Ganges, ainda com as águas puras nesse local, ao começar seu encontro com as terras planas. Hospeda-se também ali um padre americano, que me convida para a missa de Natal no dia seguinte. Encontro assim Vandana Mataji, uma freira indiana que vive em um Ashram cristão, não muito longe. Ela, já idosa, toca com energia, para minha surpresa, um instrumento de percussão indiano durante os cânticos da missa. Após o almoço, visito-a em casa. Conversamos pouco. Respeito seu silêncio, enquanto escuto o repicar intermitente de sinos nos mosteiros vizinhos, com seu profundo simbolismo de fazer soar o Princípio Vital (o toque do pêndulo) na dimensão do Tempo (o corpo do sino). Após o chá da tarde, a meditação e a oração comunitária de Vandana e suas poucas companheiras, contempla hinos cristãos e também hinos a Krishna, manifestação do divino sob forma indiana. Vandana, que meses depois se retiraria para uma casa de sua congregação, ao início dos sintomas de Alzheimer, foi uma das expoentes do Movimento dos Ashram Cristãos. Esse movimento, que visava uma inculturação do cristianismo na sociedade indiana, foi bem acolhido por visitantes europeus. Ironicamente, teve dificuldades em ser aceito pela população cristã da Índia, que é minoria em um meio majoritariamente hindu. E que, portanto, não vê com bons olhos qualquer tentativa de assimilar elementos do rito hindu. Trata-se de uma tensão bem presente no dia a dia do cristianismo na Índia, que anda no fio da navalha ao ter de conter a tendência em

fazer muitas conversões dentro da comunidade dos intocáveis, os Dalit, o que seria intolerável para as autoridades do governo indiano.

No início dos anos de 1990, eu já havia tido a ocasião de passar alguns dias em outro Ashram cristão, no sul da Índia, o Saccidananda Ashram, ou Shantivanam, que é “Floresta da Paz” em língua tamil. Para a minha geração, um dos livros básicos sobre espiritualidade e religiões do oriente era precisamente “Eremitas do Saccidânanda”, publicado pela Editora Itatiaia, em 1959. E agora eu me achava no local em que Monchanin e Henri Le Saux haviam vivido. Via passar Bede Griffiths, mas recusei a oferta de falar com ele, pois recuperava-se de ataque cardíaco que o levaria embora pouco tempo depois. Não me senti à vontade em molestá-lo. Via-o passar, em sua figura alta e um pouco encurvada, envolto no hábito de renunciante hindu (sanyasi). A leitura posterior de vários livros de Dom Bede Griffiths só fez confirmar a certeza de ter estado diante de alguém que havia vivenciado a tradição dos Upanishad, ao lado da tradição Bíblica. Shantivanam é guiado atualmente por Sahajananda, padre indiano, que produz textos instigadores, com um olhar propriamente hinduista para a figura de Cristo.

Corria o ano de 1972 e eu, com meus vinte e dois anos, havia terminado o Noviciado na Ordem Franciscana, vivendo agora no Convento Nossa Senhora dos Anjos, em Betim, nas cercanias de Belo Horizonte. Uma dia sou chamado à salinha de recepção, onde Frei Estanislau Bartoldhy apresenta-me a Sevaki, uma senhora francesa de meia idade, com quem eu devia trabalhar na revisão de uma tradução de textos escritos por Leo C. de Mascheville (Sevananda). Foi assim durante quase todo um ano. Descobri anos após, lendo artigos sobre Yoga, que Sevananda é tido como pioneiro na introdução do yoga no Brasil, a partir da fundação de um mosteiro em Resende, no estado do Rio. Após a desativação do mosteiro, andara pelo Brasil, fixando-se depois em um sítio perto de Betim, onde, já doente, foi cuidado por Sevaki até seu falecimento. Quando ia ao sítio visitar Sevaki, que

continuara a residir na casa que partilhara com Sevananda, eu encontrava por vezes Georg Kritikos (Sarvananda), que dirigira práticas de yoga no convento franciscano onde eu morava. Mais recentemente, tive acesso ao livro “Memórias (1922-1960) de Sarvananda” (Editora Edifrater, 2000), onde grande parte do início da história do Yoga no Brasil está registrada. Sarvananda fundaria depois sua própria comunidade (Mãe D’Agua), que funcionou na Serra da Moeda, perto de Belo Horizonte, entre 1975 e 1986. Ali o visitei algumas vezes com minha esposa. Pouco antes de se retirar a Curitiba, onde faleceu em 1999, Sarvananda esteve em minha casa, já apoiado em uma bengala. Deixo, assim, o registro de contatos que foram marcantes para mim e, quem sabe, me direcionaram para, tempos mais tarde, morar por alguns anos na Índia. Os textos que revi com Sevaki, em 1972, não foram, tanto quanto eu saiba, jamais publicados.

REFERÊNCIAS

- MONCHANIN, J.; LE SAUX, H. **Eremitas do Saccidânanda**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.
- SARVANANDA, Swami. **Memórias (1922 - 1960)**. Belo Horizonte: Edifrater, 2000.